

A ferida colonial ainda sangra nos corpos indígenas da Bolívia

Julia Evelyn Muniz Barreto Guzman¹

Marta Francisco de Oliveira²

Una herida abierta de 2.500 kilómetros
Divide un Pueblo, una cultura
Recorre la longitud de mi cuerpo.
Me clava estacas de valla en la carne,
Me parte me parte
Me raja me raja.
ANZALDÚA. *Borderlands*, p. 41.

Se puede vivir sin oro, pero no sin esperanza
CUSICANQUI. *Un mundo ch'ixi es posible*, p. 13.

Pensar a Bolívia nos quase 200 anos de independência e fundação³ é re-pensar uma Bolívia que necessita re-visitar seu passado, reconhecer suas diferenças, iluminando o caminho para um futuro desde o presente. E, sobretudo, fazer o caminho inverso da modernidade, pois “o caminho para o futuro não pode ser construído das ruínas e memórias da civilização ocidental e de seus aliados internos”. (MIGNOLO, 2010, p. 295-296) Uma Bolívia que preza por todos os corpos que lá habitam não pode comemorar independência, haja vista que a colonialidade que acumulou riqueza e morte, segue latente no país.

A *ferida aberta* (ANZALDÚA, 2005) na Bolívia não está dividida por quilômetros como na epígrafe que abre este texto nos mostra. Diferente dos quilômetros que separam México dos Estados Unidos exemplificado pela chicana Gloria Anzaldúa, a divisão entre culturas, línguas e epistemologias boliviana é tão próxima que esses corpos roçam e sangram constantemente “e antes que se forme em crosta, volta a hemorragia, a seiva vital de dos mundos que se funde para formar [...] uma cultura de fronteira” (ANZALDUA, 2007, p. 42.) O ciclo vital/mortal da ferida colonial que se repete e está refletida nas epistemologias eurocêntricas persistentes no país, até causar uma ferida constante, é o resultado do preconceito étnico-racial.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-UFMS. E-mail: juhgzman@gmail.com.

² Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Brasil, Mestre em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: martisima@gmail.com.

³ O Bicentenário da Bolívia será em 6 de agosto de 2025.

O preconceito e a classificação racial são uma ficção epistêmica (MIGNOLO, 2018, p. 138) que resultaram nas diferenças epistêmicas e ontológicas coloniais singulares de cada lugar. A cor da pele e a etnia são postas para afirmar que existem sujeitos que pensam, que são racionais, e aqueles que desprovidos de tal dom servem para exploração e dispensabilidade, pois não podem ser considerados seres humanos. Sob tal perspectiva, servem apenas como objeto dentro da sociedade.

O racismo é aquela operação de classificação social que coloca como deficiente a “humanidade de certas pessoas por considerá-las exígua ou caduca” (MIGNOLO, 2018, p. 134) não é questão de sangue nem de pele, mas de uma classificação inventada e imposta pela modernidade. O racismo que conhecemos na Bolívia de hoje, veio desde a Europa hispânica com a colônia, é um “produto” imposto da interioridade para a exterioridade. Ou seja, da interioridade/centro da economia, cultura, língua, etc. privilegiados para a exterioridade/margem de lugares e sujeitos que para a interioridade são desprovidos do saber, ser e epistemologias.

A Bolívia do presente é um reflexo do questionamento inicial acerca da condição humana do indígena, a questão era: “os índios têm alma?” (SANTOS, 2010, p. 37). Deste questionamento, houve a separação do corpo e da alma, a criação discursiva do eu e do *outro*, dos humanitas e *anthropos*, por fim, na classificação racial dos seres humanos.

Essa classificação é uma narrativa que fez/faz sustentar a racionalidade classificando a humanidade entre seres superiores e inferiores, entre humano e não humano, justificando a negação absoluta do *outro*. O primeiro *outro* negado, reitero, foi o indígena. Com a negação do indígena, negou-se também o modo de vida e toda sua epistemologia e a vida comunal do antigo Império Inca, também conhecido como Tawantinsuyu, habitado por catorze milhões de seres humanos, moldado e forçado a um sistema Ocidental individualista de sociedade privada persistente:

O Ocidente por excelência é propriedade individual, portanto, guerra; o Inkanato, ao contrário, é propriedade social, portanto, paz. O Ocidente fez do homem o "lobo do homem"; enquanto o Inkanato tornou o homem irmão do homem, em uma sociedade de trabalho e amor. E este Oeste é aquele que questionou a humanidade de seus habitantes. A Espanha negou a condição de ser humano ao "nativo" deste Continente; acreditava e pensava que o aborígene era uma espécie diferente da espécie humana. (REINAGA, 2010, p. 46)⁴

⁴ “El Occidente por antonomasia es propiedad individual, por tanto, guerra; el Inkanato, en contraposición es propiedad social, por tanto, paz. El Occidente ha hecho del hombre "lobo del hombre"; mientras que el Inkanato ha hecho al hombre hermano del hombre, en una sociedad de trabajo y amor. Y este Occidente es quien puso en tela de juicio la humanidad de sus habitantes. España negó la condición de ser humano al "nativo" de este Continente; creyó y pensó que el aborigen era una especie distinta de la especie humana”. (tradução nossa)

O paradigma excludente e classificador dos colonizadores da citação alia-se ao paradigma abstrato universal ainda imperante, em contrapartida, o modo de vida do incanato é um exemplo de paradigma que resgate a coletividade da cosmovisão andina, o ser humano conectado no universo com a natureza. E os elementos humanos e não humanos tem o mesmo valor e necessitam um do outro. Os indígenas mostram que seu modo de vida fez com que tenham sobrevivido até os dias de hoje. Os indígenas desde os tempos da colônia veem construindo uma (re)existência a partir de suas próprias memórias e experiências, um pensamento fronteiriço “a epistemologia do anthropos que não quer se submeter à humanitas, ainda que ao mesmo tempo não possa evita-la.” (MIGNOLO, 2017, p. 16)

O projeto colonial instaurado em 1532 no Império Inca, e consequentemente, na região que hoje está localizada a Bolívia, além de escravizar, explorar e descartar os corpos indígenas, foi responsável pela hierarquização e classificação daqueles sujeitos. Esse encontro entre dois grupos culturais diferentes que se sobrepõem e se relacionam de forma conflituosa produziria uma situação que sobreviveria além do tempo de sua criação e insistiria em coexistir com as formas contemporâneas da ordem interna.

Para a teórica boliviana Silvia Rivera Cusicanqui, a história da Bolívia poderia ser dividida em três períodos: o período colonial, até aproximadamente o meio do século 19; o período da República, até 1952; e o período da modernização (que coincide com a política norte-americana de progresso e modernização na América Latina, até o presente. Para a socióloga esses períodos são simultâneos e coexistentes diacronicamente resultando “as diferentes articulações entre forças colonizadoras e vítimas colonizadas”. (MIGNOLO, 2003, p. 79)

A Bolívia poderia ser dividida em: o branco, o indígena e o mestiço. O branco continua afirmando sua branquitude, o indígena é o sujeito que re-existe no sistema moderno que, por sua vez, quer re-encobrir a pluralidade de corpos indígenas e de suas epistemologias. O mestiço é aquele que quer afirmar seu lado branco. “Quando o crioulo ou mestiço tem a consciência colonial; ou seja, de dominado, vive sempre valorizando e desejando o que não é não tem. Paralelamente vive sempre desvalorizando o que é e tem”.(BAUTISTA, 2005, p. 53)⁵

⁵ “Cuando el criollo o mestizo tiene conciencia colonial; o sea de dominado, vive siempre valorando y anhelando lo que no es y lo que no tiene. Paralelamente vive siempre despreciando lo que es y lo que tiene”. (Tradução nossa)

Esses corpos abissalmente excluídos são aqueles que a história dada como oficial negou desde o início, as contribuições dos aymaras, quéchuas, guaranis, e tantos outros, resultaram na libertação dos países que compõem os Andes. Lutaram contra a soberania europeia e a usurpação de suas terras do Collasuya do antigo Império Inca⁶, pois a Bolívia, como nos adverte o indianista boliviano Fausto Reinaga, é o Alto Peru. Ela não nasceu em 1825, não se trata de território, mas de corpos humanos indígenas que sob três séculos de colônia continuaram/continuam re-existindo.

Vemos uma sociedade com uma suposta igualdade entre culturas e principalmente, entre os seres humanos, em que esconde por detrás mais um movimento civilizatório, “o processo de individualização e ruptura com os pertencimentos corporativos e comunais, que se legitima nos supostos direitos associados à imagem ilustrada do cidadão”. (CUSICANQUI, 1993, p. 40)⁷ Nesse processo, coube mais uma vez ao indígena sua exclusão e negação de humanidade. Esses corpos estão *feridos* em “sua dignidade [...] é difícil de curar com a generosa assimilação oferecida por aqueles que [...] continuam (cega e perversamente) afirmando seus privilégios e perpetuando a indignidade”(MIGNOLO, 2005, p. 205)⁸

Quando esse des-encontro ocorreu, tornou-se visível a invisibilidade do indígena, o ser índio com tal denominação enquanto identidades anônimas coletivas. O aymara, por exemplo, era a figura de uma multiplicidade de ayllus⁹. Essa organização e estrutura simbólica foi destruída pelo colonialismo antes desconhecido nos Andes. Os índios eram tidos como bestas de carga porque aguentavam mais peso do que o lombo da lhama. Considerava-se também que não havia melhor remédio do que o trabalho nas minas¹⁰ para curar a “maldade natural” dos índios.

⁶ “Bolívia no nace en agosto de 1825. Bolívia es el Alto Perú de la Colonia; el Kollasuyu del Imperio de los Inkas [...]” REINAGA., 2010, p. 115-116.

⁷ “el proceso de individuación y ruptura con pertenencias corporativas y comunales, el cual se legitima en los supuestos derechos asociados a la imagen ilustrada del ciudadano”. (Tradução nossa).

⁸ “Estas personas desvaluadas son heridas en su dignidad, y la herida colonial es difícil de curar con «[la generosa asimilación] ofrecida por quienes, desde las instituciones, la prensa, los Gobiernos, o la enseñanza, continúan (ciega y perversamente) afirmando sus privilegios y perpetuando la indignidad”. (Tradução nossa).

⁹ Surgieron organizaciones de diversa escala territorial y demográfica, cuya célula básica fue el ayllu o jatha, unidad de territorio y parentesco que agrupaba a linajes de familias emparentadas entre sí, y pertenecientes a jerarquías segmentarias y duales de diversa escala demográfica y complejidad.

¹⁰ “A América era, nesta época, uma boca de mina centrada, sobretudo, em Potosí. Alguns escritores bolivianos, inflamados de excessivo entusiasmo, afirmam que em três séculos a Espanha recebeu tanto metal de Potosí que dava para fazer uma ponte de prata desde o cume da montanha até a porta do palácio real do outro lado do oceano. A imagem é, sem dúvida, obra da fantasia, mas de qualquer maneira se refere a uma realidade que, de fato, parece inventada: o fluxo da prata alcançou dimensões gigantescas”. (GALEANO, 2010, p. 18)

E o racismo enraizado no paradigma do novo conhecimento *foi* motivo suficiente para descartar qualquer proposta que surja do paradigma da convivência. As formas de compreender as interações humanas também ocorreram quando os colonizadores aceitaram o modelo de convivência.(MIGNOLO, 2005, p. 147)¹¹

As interações e a convivência “aceita” entre colonizador e colonizado que anulam a existência/coexistência de outros mundos possíveis (SANTOS, 2010) que não seja seu mundo e suas epistemologias. O pensamento crítico elaborado a partir desse modo de convivência resultantes da ferida colonial é o que permitirá os paradigmas descoloniais de coexistência.

Como ocorre na fronteira entre o México e os Estados Unidos esboçado pela chicana Glória Anzaldúa (2007) ao teorizar a partir de sua condição de mulher fronteiriça e entre outros *atravessados* de seu lócus. Os corpos indígenas bolivianos sobrevivem em meio a invisibilidade e a resistência adquirida no medo:

Sem rostos, sem nomes, invisíveis, insultam-se chamando-os de <<Eh, cucaracha>>. Tremendo de medo, e apesar de tudo cheio de coragem, uma coragem nascida do desespero. [...] A convergência gerou uma cultura de choque, uma cultura de fronteira, um terceiro país, um país fechado.(ANZALDÚA, 2007, p. 53)¹²

Na passagem acima, Anzaldúa ao tratar da reação do tremer de medo, e apesar de tudo cheio de coragem, uma coragem nascida do desespero, me ajuda ao esboçar que o projeto colonial que resultou na ferida colonial da Bolívia reflete também o processo de resistência e descolonização das nações indígenas do país. Essa ferida que continua aberta mostra uma outra face da moeda.

Esses episódios nos mostram a natureza da resistência indígena, que vincula estreitamente uma dimensão política (armada ou negociada) da luta, com a defesa de uma ordem simbólica e de uma *sensibilidad* de mundo cultural, que se refletem no exercício de práticas rituais e ‘costumes’ ancestral. (CUSICANQUI, 1993, p. 45)¹³

Essa força das chamadas *cucarachas* ¹⁴ é viva e exprime o questionamento da ordem colonial do país. Ainda que não sendo boliviana/indígena, mas na condição para além do sanguíneo, coloco-me na condição de reconhecer e apoiar o processo valendo-me de um certo privilégio de estar inserida dentro de uma instituição de ensino superior, que me permite

¹¹ “Y el racismo enraizado en el paradigma de los nuevos saberes es motivo suficiente para descartar cualquier propuesta que surja del paradigma de la convivencia. Las formas de entender las interacciones humanas también se dieron cuando los colonizadores aceptaron el modelo de convivencia.” (Tradução nossa).

¹² Sin rostos, sin nombres, invisibles, se les insulta llamandoles <<Eh, cucaracha>>. Temblando de miedo, y a pesar de todo llenos de valor, un valor surgido de la desesperación. [...] La convergencia ha generado una cultura de choque, una cultura de frontera, un tercer país, un país cerrado. (Tradução nossa).

¹³ “estos episodios nos muestran el carácter de la resistencia indígena, que vincula estrechamente una dimensión política (armada o negociada) de la lucha, con la defensa de un orden simbólico y una cosmovisión cultural, que se plasman en el ejercicio de prácticas rituales y “costumbres” ancestrales, de las cuales se extrae permanentemente la fuerza moral y la legitimidad para cuestionar al orden colonial.” (Tradução nossa).

¹⁴ Barata em língua portuguesa.

teorizar a partir de minha condição de sujeito que habita uma fronteira física e sobretudo epistemológica. “Descolonizar o saber e subjetividades que favorecem a opressão via exploração”.(MIGNOLO, 2005, p. 135) Que não deixa de se estender no comprimento do meu corpo e me fere na carne, afinal se permito meu corpo sentir na pele a dor da escrita, é também um modo de me curar das amarras coloniais que me pregam estacas na carne de mulher fronteiriça.

Conclusão

Se a modernidade ao longo de sua narrativa perversa tentou tornar invisível o corpo indígena, meu objetivo foi buscar inverter a lógica e tornar visível o indígena que habita, *desde adentro*, aqueles que sobrevivem dentro do tecido cotidiano do Estado e lutam para que suas epistemologias permaneçam. Apesar da ferida latente no país, alguns movimentos foram realizados no decorrer dos séculos para que os indígenas pudessem ter o mínimo de visibilidade dentro do lócus aqui retratado. O estabelecimento do Estado Plurinacional no ano de 2009 no mandato do ex-presidente indígena Evo Morales Ayma corrobora a prática de resgate desse corpos. No preâmbulo da Constituição reconhecesse as terras altas dos Andes, que é povoada “com diferentes faces, e desde então compreendemos a atual pluralidade de todas as coisas e nossa diversidade como seres e culturas”, (BOLIVIA, 2009, s/p)¹⁵, e que não haviam entendido o racismo, pois começaram a sofrer e enfrentá-lo nos tempos desastrosos da colônia.

O chamado desmonte com o Estado Colonial, é o que podemos apontar como pensamento a partir de categorias não ocidentais. Um pensamento próprio que realoca esses corpos em lugares que por séculos foram deixados no esquecimento. Ou seja, “toda a coletividade humana que compartilham identidade cultural, idioma, tradição histórica, instituições, territorialidade e cosmovisão, cuja existência é anterior a invasão colonial espanhola”. (BOLIVIA, 2009, s/p)¹⁶. Essa proposta passa a ser um elemento essencial para os processos de descolonização dos movimentos indígenas da Bolívia.

Concluo este texto afirmando que “é preciso colocar o dedo na ferida de uma dignidade herdada por quatro séculos de humilhação. É preciso perfurar, com ferro em brasa,

¹⁵ [...] con rostros diferentes, y comprendimos desde entonces la pluralidad vigente de todas las cosas y nuestra diversidad como seres y culturas. Así conformamos nuestros pueblos, y jamás comprendimos el racismo hasta que lo sufrimos desde los funestos tiempos de la colônia. (Tradução nossa)

¹⁶ “[...] toda la colectividad humana que comparta identidad cultural, idioma, tradición histórica, instituciones, territorialidad y cosmovisión, cuya existencia es anterior a la invasión colonial española.” (Tradução nossa)

seu coração, até que ele se parta em dois, lançando ondas de sangue” (REINAGA, 2010, p. 43). Não se trata de purismo, mas de reconhecer que o mundo é complexo e *pluriversal*. Assim, a descolonização é um processo complexo de separação e destruição do que a colônia e a modernidade liberal produziram, para ter um presente e um futuro de grandes transformações da própria sociedade moderna e de seus próprios mundos.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. *Bordelands/La frontera: the new mestiza*. São Francisco: Aunt Lute Books, 2007.

BAUTISTA, Juan Jose. *Crítica de la razón boliviana: Elementos para una crítica de la subjetividad del boliviano-latino-americano*. Pisteuma, La Paz, Bolivia, 1ra ed. 2005.

CUSICANQUI, Silvia Rivera. *Violencias (re)encubiertas en Bolivia*. Cultura y política. La Paz: Cipca, 1993.

CUSICANQUI, Silvia Rivera. *Un mundo ch'ixi es posible: ensaio desde un presente en crisis*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Tinta Limón, 2018.

GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*: tradução de Galeano de Freitas, Rio de Janeiro, Paz e Terra, (estudos latino-americano, v.12) Do original em espanhol: Las venas abiertas da America Latina.

GIULIANO, Facundo (org.) *¿Podemos pensar los no-europeos?*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2018.

MIGNOLO Walter. *Desobediência epistêmica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialid*. Buenos Aires: Ediciones del signo, 2010.

MIGNOLO, Walter. *La idea de América Latina: la herida colonial y opción decolonial*. Trad. de Silvia jawerbaum y Julieta Barba. Barcelona: Gedisa Editorial, 2005.

MIGNOLO Walter. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Trad. de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

REINAGA. *La revolución india*. La Paz: Minka, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS & MENESES (ORG.) *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010. p.31-83.